

MEDICOS DE RUA – SAÚDE ÚNICA PARA PESSOAS E ANIMAIS EM SITUAÇÃO DE RUA

José Claudio Batista da Silva Filho^{1*}, Isabella Resck Braoios² e Lucas Belchior Souza de Oliveira³.

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: joclabasilva@gmail.com

²Discente no curso de Medicina - Universidade José do Rosário Vellano - UNIFENAS- Belo Horizonte/MG – Brasil.

³Médico veterinário, Doutorando em Ciência Animal pela UFMG, Docente da graduação em Medicina Veterinária do Centro Universitário Belo Horizonte - UniBH - Brasil

INTRODUÇÃO

A questão da população em situação de rua no Brasil é intrínseca à complexidade social e econômica que permeia a história do país. Ao longo das décadas, o fenômeno da falta de moradia ganhou contornos multifacetados, refletindo não apenas desafios econômicos, mas também problemas estruturais e sociais mais amplos, o que remonta às transformações sociais ocorridas desde os primeiros anos do século XX até os desafios contemporâneos^{1,2,3}.

Em meio às complexidades urbanas e a esse cenário, um vínculo singular e muitas vezes negligenciado emerge entre as pessoas em situação de rua (PSA) e seus companheiros não-humanos, como os cães. Além de serem testemunhas silenciosas das dificuldades enfrentadas pela vida nas ruas, esses animais oferecem conforto emocional, companheirismo e uma ligação crucial com a humanidade em meio à desumanização e invisibilização da existência urbana dessa população vulnerabilizada^{4,5}.

Perante esse cenário, em 2018, mediado pela graduanda em medicina Isabella Resck, criou o projeto de voluntariado em Belo Horizonte, intitulado “Médicos de Rua – BH”, baseado nas experiências exitosas da mesma abordagem em outros estados. O projeto visa realizar a assistência integral ao paciente humano em situação de rua, de forma pontual, através do respeito ao princípio da integralidade e universalidade, contando com profissionais e acadêmicos de diferentes áreas da saúde coletiva e justiça social, incluindo médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, dentistas, psicológicos, assistentes sociais, advogados, dentre outros⁶.

Com base no histórico dessa relação intrínseca entre animais e PSA, a abordagem médica veterinária voltada para a saúde dos animais que vivem também nessa condição de vulnerabilidade, foi encabeçada pelo graduando de medicina veterinária, José Claudio Batista, visando um atendimento integralizado e com foco na promoção em saúde única, ou seja, fomentar saúde perante a relação indissociável entre saúde humana, animal e ambiental⁷.

Desta forma, esse relato tem como objetivo descrever as ações realizadas pelo projeto, com foco na saúde animal, ao longo de 12 meses de atuação, assim como discutir os principais pontos de melhoria e condições para uma prática mais eficaz na promoção da saúde única.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

O projeto possui o objetivo de promover saúde coletiva de forma exitosa para pessoas e animais em situação de rua, permitindo a inserção do olhar para essa população de uma forma digna, e, garantindo acesso alternativo e ampliado a saúde, que inclui não apenas a ausência de doença, mas também a justiça social, ambiente sustentável, e, os aspectos próprios de qualidade de vida. Além do atendimento citado pela diversidade de profissionais citados anteriormente, há também o apoio logístico de colaboradores para a organização das PSA, garantindo um atendimento justo para todas e todos (Figura 1).



Figura 1: Promoção de saúde única para PSA em Belo Horizonte, Minas Gerais.
Fonte: Médicos de Rua BH.

As ações do projeto possuem frequência típica de um mês de intervalo, acontecendo geralmente no último domingo de cada mês. A estação Veterinária é responsável pela realização da comunicação direta com o responsável pelo animal dos aspectos inerentes ao histórico do paciente, realizando de forma conseguinte todas as estratégias que incluem a avaliação clínica (inspeção à distância, exame físico e colheita de exames complementares, caso possível) (Figura 2A). O diálogo realizado com o responsável do animal também tem o objetivo de ajudá-lo em situações e fatores que podem estar relacionados às doenças investigadas, verificando se as normas de higiene estão adequadas, as formas de alimentação para a redução de riscos, e, os cuidados em caso de alterações clínicas, destacando sempre o respeito da relação entre a PSA e o animal, e garantindo uma estratégia participativa para a sensibilização de questões importantes e acessíveis sobre saúde animal.

Além das estratégias realizadas, os animais perpassam por medidas básicas de cuidado na saúde preventiva, que inclui a vermifugação, com fornecimento de aplicação para segunda e/ou terceira dose (Figura 2B), assim como controle de ectoparasitos quando possível de obtenção por parte do projeto. Todos os responsáveis por animais também recebem uma quantidade mínima de ração extrusada, com foco em garantir acesso a um alimento de melhor qualidade em termos de formulação dietética para os animais, pelo menos por um período curto. Além disso, os animais são dessedentados com água que os voluntários disponibilizam (Figura 2C). Considerando a atuação desde outubro de 2022, para a contabilização desse relato, houve uma média de cinco atendimentos de animais /mês, totalizando 55 animais atendidos no período. Importante ressaltar que a população humana atendida geralmente supere em valores elevados a quantidade de animais que são avaliados nas campanhas mensais. Isso ocorre, possivelmente, por alguns fatores específicos: a) o atendimento geralmente não possui anúncio progressivo, o que seleciona quais famílias são atendidas (ponderando uma análise por conveniência); b) o atendimento ocorre em uma região central, favorecendo apenas as PSA e as famílias multi-espécies em situação de rua que residem naquela localidade; c) por outras ações que geralmente ocorrem para apoio a PSA, as pessoas que possuem animal podem estar em busca de outras formas de assistência (ex.: fornecimento de marmitas, dentre outros).

Dos animais atendidos, todos eram cães-domésticos, não sendo observadas outras espécies na constituição dos vínculos sociais daquela região. Além disso, apesar da não possibilidade de quantificação específica quanto a casuística clínica (dados em análise), observa-se muitos animais com a presença de ectoparasitos (principalmente pulgas e carrapatos); escore de condição corporal abaixo ou acima do ideal (geralmente os extremos, ou seja, animais muito caquéticos ou muito obesos); e, alterações clínicas compatíveis com intercorrências hemodinâmicas (mucosas hipocoradas, turgor cutâneo aumentado). Das possibilidades exames complementares (Figura 2D), apenas quatro animais receberam diagnósticos precisos de identificação de vetores, e, identificação de agentes patogênicos mediados por hemopatógenos. Destes animais, um (25%) foi diagnosticado com *Ehrlichia spp.*, através do método de PCR, e três (75%) possuíam ectoparasitos externos identificados como pulgas (*Ctenocephalides spp.*) (Figura 2E) e carrapatos (*Rhipicephalus sanguineus*) (Figura 2F). Do animal positivo para *Ehrlichia spp.*, observou-se como alteração clínica apenas um quadro de dermatite úmida em coxim plantar. Os demais animais apresentavam sinais clínicos mais evidentes, tais como mucosa hipocorada, desidratação leve, histórico de diarreia e hiporexia, contudo, não tendo sido encontrado de imediato a causa da alteração. Destes animais, observou-se uma média de $5,03 \times 10^6$ /mL eritrócitos circulantes ($\pm 1,17$) e 34,28% de volume globular ($\pm 10,34$), com dois animais filhotes apresentando anemia normocítica normocrômica, e, 12,22 céls/mL de leucócitos circulantes ($\pm 6,13$), com um animal apresentando leucocitose por neutrofilia.

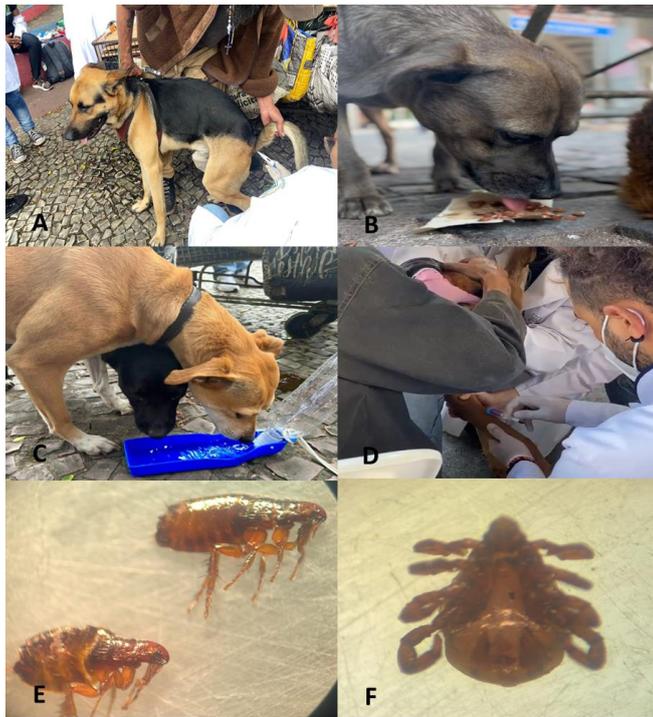
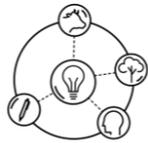


Figura 2: Resultados do projeto. A) Atendimento de animal com apoio do tutor; B) Fornecimento de ração úmida com vermífugo; C) Dessedentação; D) Colheita de sangue à vácuo; E) Identificação das pulgas coletadas (*Ctenocephalides* spp.); F) Identificação dos carrapatos coletados (*Rhipicephalus sanguineus*). (Fotos: José Cláudio e Lucas Belchior).

Além das ações citadas anteriormente, na ausência de ferramentas mais avançadas para o diagnóstico de agravos e outras questões, a equipe também realiza um princípio básico estratégico do Sistema Único de Saúde: o princípio da resolubilidade⁵. Essa estratégia é realizada pelo encaminhamento dos pacientes para o Complexo Público Veterinário, equipamento público recentemente instituído no município de Belo Horizonte. O encaminhamento é findado a partir da identificação de condições que necessitam de cuidados mais específicos para atenção secundária e/ou terciária. Como exemplo, pode-se citar uma paciente, fêmea, com suspeita de piometra aberta, que foi encaminhada ao equipamento citado, tendo a resolução da questão de impacto a sua saúde e bem-estar, o que foi observado pela equipe após retorno da paciente no projeto de ação nas ruas (Figura 3).



Figura 3: Paciente atendida e encaminhada para o equipamento público devido a necessidade de procedimentos fornecidos pela atenção secundária (Foto: José Cláudio).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se ainda gaps que devem ser enfrentados para a expansão do atendimento descrito, sendo estes: a frequência das ações realizadas; a falta de divulgação progressiva; a centralização das ações; a carência de insumos terapêuticos e médicos para a assistência animal; a dificuldade de acompanhamento em longo prazo dos animais atendidos, e, a dificuldade de comunicação e articulação de parcerias com equipamentos públicos, principalmente em finais de semana.

Contudo, a atuação coletiva para a resolução de problemas associados a promoção de saúde e justiça social para pessoas e animais em situação de rua se faz necessária perante os atuais impactos observados. Além da garantia de atendimento fomentando o respeito a dignidade humana e animal, essas estratégias, quando direcionadas para a saúde animal, possibilitam a prevenção e redução de doenças zoonóticas transmissíveis, a triagem de pacientes para o manejo reprodutivo para controle populacional, e, principalmente, orientações para a garantia de promoção à saúde e bem-estar único. Essa atuação destaca não apenas a importância da saúde dos animais, mas também a conexão entre os cuidados veterinários e a qualidade de vida das PSA^{7,8}.

A falta de políticas públicas eficazes para abordar as raízes estruturais do fenômeno e proporcionar soluções sustentáveis perpetuou a vulnerabilidade desses cidadãos. Além disso, o estigma social associado à condição do PSA, principalmente e no contexto das famílias multi-espécies, também tem desempenhado um papel significativo, dificultando a inclusão dessas pessoas e animais em programas sociais e ações governamentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SICARI, A.A., ZANELLA, A.V. **Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática**. *Psicol. cienc. prof.*, 38 (4), 2018.
2. BALTAR, J.G.C., GARCIA, A. **Pessoas em situação de rua e seus cães: fragmentos de união em histórias de fragmentação**. *Rev. Interinst. Psicol.*, 12 (2), 2019.
3. COUTO, J.G.A. et al. **Homeless population's health: reflections from the social determination of health**. *Saúde Soc.*, 32 (2), 2023.
4. SCANLON, L. et al. **Homeless People and Their Dogs: Exploring the Nature and Impact of the Human-Companion Animal Bond**. *Anthrozoös*, 34, 2021.
5. LINDOVSKA, E. **Homelessness Coping Strategies from Housing Ready and Housing First Perspectives**. *European Journal of Homelessness*, 8 (1), 2014.
6. BRASIL. **Lei nº 8.080**, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 20/09/1990.
7. LEM, M. **Serving homeless populations through a One Health approach**. *Can Vet J.*, 60(10), 1119–1120, 2019.
8. RHOADES, H. et al. **Pet Ownership among Homeless Youth: Associations with Mental Health, Service Utilization and Housing Status**. *Child Psychiatry Hum Dev.*, 46(2), 237–244, 2015.

APOIO:

